

Antes, Agora, Sempre

A M A N D A G A Y L E

TRADUÇÃO
Carolina Ferreira Mendes
Cláudia Aurélio

Ao meu marido, a improvável devoção da minha vida

«Toda a sabedoria humana se encerra nestas palavras:
esperar e ter esperança.»

Alexandre Dumas, *O Conde de Monte Cristo*

Avisos de conteúdo

Esta obra contém referências a tópicos e temas que podem ser sensíveis ou desconfortáveis para alguns leitores. De entre eles, destacam-se: consumo de álcool, *bullying*, luto, amnésia, aborto espontâneo e gravidez. Por favor, prossigam com cuidado e apenas até onde se sentirem confortáveis.

Capítulo 1

MOLLY GRAHAM-BISHOP

A dormir, algumas noites pareciam durar minutos. Outras, anos.

Molly acordou com o corpo preguiçoso e frouxo, e uma abismal pressão meteorológica dentro do crânio. Com as articulações gelatinosas e os pensamentos densamente enevoados, recusou-se a abrir os olhos, permanecendo com a face deitada na almofada felpuda.

Não passava de cera derretida entre os lençóis, ainda suficientemente quente para continuar líquida. Momentos relaxantes como aquele eram raros, uma vez que o seu corpo, constantemente movido por tensão, não se deixava abalar nem por uma dor de cabeça fulminante.

Permitiu-se ficar com o corpo frouxo aconchegado na cama, decidindo que a longa lista de coisas que tinha para fazer naquele fim de semana podia esperar mais um pouco. Que importava a maratona de estudo que tinha marcado com o seu grupo de Métodos de Pesquisa? Ou as compras que precisava urgentemente de fazer para não ter de sobreviver mais um dia à base de bananas demasiado maduras e da mistura de frutos secos que estava quase a acabar? Ou os capítulos que prometera a si mesma arranjar tempo para ler?

De repente, algo pesado mexeu-se sobre o colchão, oscilando-lhe o peso, e um braço envolveu-lhe a cintura por trás. Sentiu um corpo a alinhar-se-lhe contra as costas.

O luxuriante aconchego que lhe tomara o corpo momentos antes desapareceu, e Molly congelou.

Teria Simon ido passar o fim de semana com ela?

O braço enlaçado no seu tronco puxou-a, e dedos elegantes começaram a percorrer-lhe a barriga que a camisa amarrotada deixara à mostra. Depois, sentiu lábios contra a pele, no músculo que vai da base do pescoço até ao ombro. Um arrepio ardente percorreu-lhe a espinha, e a sensação de conforto persuadiu-a a aconchegar-se novamente.

– É demasiado cedo para estares a pensar tanto.

Uma voz suave chegou-lhe aos ouvidos vinda da parte de trás do seu pescoço. Não pertencia a Simon, mas era-lhe tão inquietamente familiar que lhe despertou um pânico explosivo atrás das costelas.

– Oh, nem penses – ralhou o homem, apertando-a mais. – É demasiado cedo para se ser produtivo. Tenciono manter-te aqui durante, pelo menos, mais uma hora. E não te esqueças de que me prometeste *waffles*.

Molly debateu-se e, libertando-se do aperto dele, saiu da cama. Com os olhos finalmente bem abertos e o cérebro a transbordar de adrenalina, apercebeu-se de que aquele quarto não lhe pertencia, assim como a cama em que acordara.

Desorientada, cambaleou para trás. Não reconhecia a mobília. Nem as paredes. Nem os lençóis. Nem sequer a roupa que vestia. Nem o desconhecido (ou o inexplicável conhecido) que a olhava com os olhos azuis arregalados e a boca aberta, prestes a fazer uma pergunta.

– Mas que merda é esta? – arquejou Molly.

Aster Bishop (*Aster Bishop!*) fitava-a, envolto nos lençóis azuis-escuros que cobriam a cama. Além de começar a gritar obscenidades, poucos pensamentos restaram na mente dela, que transbordava de medo, tanto medo que portos marítimos e estaleiros navais ficariam inundados.

Com o cabelo loiro claro despenteado, tronco nu (uma imagem cativante e desconcertante) e aspeto de quem acabou de acordar, Bishop parecia tão confuso quanto Molly.

Ao sentir a têmpora estremecer com uma pontada de dor, respirou fundo e encolheu-se, sendo atacada por uma súbita tontura que lhe deixou a cabeça às voltas.

– Molly? Estás bem?

Ouvir a voz de Bishop levou-a a afastar-se ainda mais e a bater contra um armário. Revirou os olhos ao sentir outra onda de dor latejante, ainda mais forte do que a anterior. Uma espécie de gargalhada chorosa escapou-lhe dos lábios. Dentro da sua cabeça, a dor era tanta que literalmente não conseguia pensar com clareza. A única coisa que conseguia fazer era soltar gargalhadas inapropriadas.

Que outra opção lhe restava quando à sua frente estava Aster Bishop seminu e a levantar-se com cautela da cama enquanto a encarava como se ela tivesse enlouquecido?

Talvez tivesse mesmo.

Nada a conseguia convencer de que, algum dia, viria a acabar na cama *dele*.

Sem parar de soltar risos débeis, tresloucados e, por pouco, indistinguíveis de choro, Molly interrogou-se acerca dos eventos que a teriam levado àquele quarto, e cada uma das possibilidades, que se atropelavam na sua direção, era pior do que a anterior.

Enquanto Bishop atravessava o quarto, ignorando a sua ordem apavorada para que se afastasse, os joelhos de Molly cederam. Tinha a cabeça a mil.

À distância, ouviu:

– Mols?

Sentiu dedos a apertarem-lhe a pele para a tentar levantar. A alcunha era-lhe desconhecida e não fazia ideia porque haveria ele de lhe falar naquele tom preocupado.

Depois daquilo, o que quer que Bishop tivesse dito desvaneceu-se.

À medida que a sua visão se afunilava rapidamente num túnel negro, a última coisa coerente em que pensou foi que Aster Bishop era bem bonito quando não a encarava com uma expressão de desprezo.

* * *

Luzes fortes.

Pensamentos turvos, atolados.

Molly despertou noutro lugar desconhecido.

Com dificuldade, tentou regressar à superfície da sua consciência. Como se nadasse dentro de si mesma, fez paragens bruscas em remoinhos vertiginosos para avaliar a dor, a confusão e as sensações desenfreadas que começavam a atingi-la do exterior.

De repente, apercebeu-se de que a perna lhe doía levemente e de que a cabeça, preguiçosa e lenta, parecia feita de algodão. Havia máquinas a apitar. Coisas a serem arrastadas sobre rodas pelo chão. Vozes de pessoas a aumentar de volume. Passos de um lado para o outro. E uma voz suave e carinhosa que, algures ali perto, lhe dizia algo.

Depois, a voz surgiu novamente; desta vez, mais nítida.

– Molly, se me consegue ouvir, aperte-me a mão. Está em segurança no Hospital Regional de New Hope. Estamos aqui para a ajudar no que for preciso. Tem dores?

Molly sentiu uma mão a deslizar pela sua.

Gostou daquela voz gentil que lhe acariciava os ouvidos como se fosse feita de veludo. Reuniu toda a sua energia e apertou a mão, ficando exausta imediatamente a seguir.

Depois de se obrigar a abrir os olhos, deparou-se com alguém junto à sua cama. Uma mulher de meia-idade com cabelos castanhos, cheios de madeixas brancas. Tinha, junto aos olhos preocupados que a observavam, linhas fundas e marcadas. Viam-se, pelo menos, cinco canetas de cores diferentes a espreitar-lhe da bata.

Molly estava tão concentrada em analisar a médica que nem se apercebeu de que ela se apresentara, com um suave sorriso. Como teria dito que se chamava mesmo? Doutora Murphy? Molly pestanejou e uma película baça deslizou-lhe sobre os olhos. Voltou a pestanejar, tentando afastá-la. A médica continuou:

– Tem dores?

Molly engoliu em seco, com a garganta árida, ansiosa. A médica pegou num copo, pousado numa mesa com rodas ao lado da cama, e levou-lhe uma palhinha aos lábios. Seria doutora Murray? Faria sentido que alguém com um pequeno arsenal de canetas no bolso se chamasse «Murray».

Sem saber por que motivo estaria a pensar naquilo ou por que razão seria sequer importante, Molly sentia o cérebro feito em papa – papa muito quente, dentro do crânio a escaldar.

A água gelada libertou-lhe a voz fraca e rouca:

– Não.

Pelo menos, não tinha dores que valessem a pena apontar. Claro que tinha a cabeça a latejar e as costas doridas, assim como a canela. Porém, se acabava de acordar numa cama de hospital, aquilo era natural. Bebeu mais um pouco de água, e a médica afastou o copo.

– Molly, sente-se capaz de responder a algumas questões?

De repente, apareceu uma cabeça através da cortina azul que separava o pequeno quarto de Molly do que talvez fosse toda uma ala do atarefado hospital. Levemente ofegante, o homem disse:

– Truz, truz. Atenção! Daqui a dois minutos chamamos a polícia.

Sem esperar pela resposta, desapareceu outra vez, deixando a médica com um sorriso cansado a levantar-lhe as maçãs do rosto.

– Onde íamos? – Entretanto, clicou várias vezes nos ecrãs do computador pousado num carrinho ao lado da cama. – Posso fazer-lhe algumas questões?

Molly não sabia se podia confiar na sua própria voz, por isso, limitou-se a anuir com a cabeça.

– Se precisar de uma pausa ou se sentir que não consegue continuar, é só avisar. – Depois de uma pausa, prosseguiu. – Qual é o seu nome completo?

Molly pestanejou, perplexa com a pergunta absurda.

– Molly... – calou-se, sendo atingida por um ataque de tosse – Elizabeth Graham.

A médica apontou.

– Em que estado estamos?

– No Connecticut.

Outra nota.

– Que idade tem?

Ao responder, uma estranha onda de pânico subiu-lhe à superfície da pele.

– Vinte e um. – Seguiu-se mais uma nota. – O que aconteceu? – perguntou, com a voz a falhar e com o pânico a intensificar, do estômago ao peito. – Está tudo bem comigo?

A médica, cujo nome ainda desconhecia, voltou a sorrir. Molly assumiu que procurava assegurá-la de que tudo estava bem.

– Estas questões servem apenas como ponto de partida para o diagnóstico.

– Que espécie de diagnóstico?

Molly sentiu a sua pele viva, como um bando de pássaros, um enxame de insetos, um cardume de peixes.

– Compreendo que esteja assustada – respondeu a médica, lançando um olhar à máquina ao lado da cama –, mas vamos concentrar-nos numa coisa de cada vez. Só uma. Por agora, vamos tentar respirar fundo. – Molly tentou, tentou mesmo, mas, ao expirar, engasgou-se. – Está tudo bem consigo – assegurou a médica. De repente, Molly sentiu uma mão sobre o antebraço; uma leve pressão aconchegante sobre a fina manta de hospital. – Mas sofreu um acidente.

Ao perceber que a médica não ia continuar, ela questionou:

– Um acidente?

De súbito, apercebeu-se de que tremia. Nunca na vida tremiera de forma tão descontrolada e crua. Ainda assim, tirando o medo e a confusão, sentia-se *normal*. Normal o suficiente, pelo menos. O suficiente para não estar num hospital.

– Os seus exames mostram indícios de um traumatismo cranioencefálico. Ontem de manhã sofreu duas pequenas hemorragias, a que chamamos de «AVC hemorrágico» – explicou a médica, fazendo uma pausa antes de avançar com uma questão. – Tenho de lhe perguntar isto: sente-se segura em casa?

Molly tinha ficado na parte do «traumatismo cranioencefálico» e mal processou o resto. Quando a doutora (Moore, talvez?) repetiu a pergunta, ela acenou afirmativamente com a cabeça.

– Sim, claro. Está tudo bem.

Porque estava. Tudo na perfeição. Completa e totalmente bem. Tirando a dor de cabeça latejante. A médica manteve uma expressão neutra.

– Há alguma coisa que a deixe insegura? Sente-se em perigo, fisicamente ou emocionalmente?

– Eu... Não. Está tudo bem.

Além de ser uma das suas melhores amigas, Alannah era uma ótima colega de quarto, e *Pawntès* era o gato mais carente do mundo. Só estaria em perigo se o felino a tentasse sufocar durante o sono. A doutora M. apontou mais alguma coisa no computador.

– Estamos à espera para fazer um exame neurológico. Assim, teremos uma avaliação mais completa. Para já, queria fazer-lhe mais algumas questões, se não se importar, para vermos a quais consegue responder corretamente.

– Consigo responder corretamente a tudo.

– Não nos preocupemos com...

– *Devo* preocupar-me?

O pânico dilacerante de Molly desaparecera, sendo substituído por algo vazio e frio. Por horror.

O toque reconfortante no braço de Molly permaneceu.

– Sofreu uma lesão cerebral. Até agora, parece estar a ter uma recuperação fantástica. Não notámos nenhuma paralisia, e tanto a sua capacidade motora como o seu discurso parecem inalterados. Mas ainda estamos a avaliar possíveis efeitos secundários, como amnésia...

– Amnésia?

As palavras pesavam-lhe como chumbo na boca.

– Esperemos que seja apenas temporária. A mente humana é poderosa e adaptável, mas também pode ser imprevisível. Concentremo-nos naquilo que já sabemos. Uma coisa de cada vez. Estamos, *de facto*, no Connecticut.